

humanitas

Vol. LXV
2013

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Naturalmente, no decurso do estudo a autora prevê um paralelo entre a versão osoriana do mito e a sofocliana, em particular a nível de elenco e de temas.

As conclusões, pertinentes e sintéticas, vincam a ideia da ‘apologia do sofrimento como cruzada pessoal em prol da comunidade’ (p. 190) – Édipo, homem enaltecido, é a imagem expressiva de tal crença.

Bem estruturado a nível geral, o volume contempla, no final de cada capítulo, pertinentes notas remissivas para distintos domínios (biográfico, literário, político, filosófico, musical), não raro com sugestão de alargamento a outras leituras. A inserção de algumas imagens, por seu turno, torna-o mais atrativo em termos visuais. A nível da diversidade da bibliografia em que se apoia, a publicação está bem documentada; seria porém valorizada pela inclusão de um índice onomástico. Numa nova edição, algumas gralhas, nomeadamente a nível de repetição / omissão de palavras, poderão ser corrigidas.

Em termos globais, esta é uma obra com interesse na área da receção do teatro clássico, que assinala uma presença singular do mito edípiano no Portugal do século XX, evidenciando a perenidade de temas e questões da Antiguidade no mundo atual e a sua permeabilidade a sensibilidades, interpretações e contextos diferenciados, geradores de múltiplas reescritas.

SUSANA HORA MARQUES

Santos, David, Roque, Fátima Faria, *Jorge Amado e o neorrealismo português*, Vila Franca de Xira; Lisboa: Museu do Neo-Realismo; Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL), 2012.

A romantizada e ficcionalizada maneira de ser do povo brasileiro – otimista, feliz e sensual –, descrita por Jorge Amado em sua obra, poderá ser vista agora, sob o olhar português, no belíssimo livro de David Santos e Fátima Roque. Baseado nas iniciativas que festejaram os cem anos do nascimento do mestre baiano em agosto do ano passado, o catálogo *Jorge Amado e o neorrealismo português*, fruto de uma parceria entre o Museu do Neo-realismo, sediado em Vila Franca de Xira, e o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL), é uma realização valiosa.

Do ponto de vista brasílico, a publicação de tal obra é uma grata e importante notícia. Não somente porque represente um reconhecimento da literatura pátria, mas porque é reflexo do estreitamento dos laços da comunidade de língua portuguesa. Além disso, representa um subsídio para pesquisas que pretendem avançar nestas searas, ainda relativamente inexploradas, dos intercâmbios criativos estabelecidos bilateralmente.

Com efeito, é preciso convir que os países mantêm, a despeito das complexas relações históricas de exploração colonial e das tensões presentes da globalizada esfera terrestre, o apreço mútuo, a saudável competição ou o que se pode chamar uma animosidade cordial (ou amizade conflituosa), ao menos no que tange às letras. Assim, ambos os lados se fortalecem com a investigação, por exemplo, dos vínculos entre Cecília Meireles e Fernando Pessoa, a rivalidade entre Eça de Queiroz e Machado de Assis e a disputada reivindicação de Tomás Antônio Gonzaga, Gregório de Mattos e, extrapolando o âmbito delimitado, Carmen Miranda por parte das duas nações.

O livro – esse outro olhar da cultura e da ficção do escritor baiano –, um genuíno estudo da interação entre Brasil e Portugal, sintetiza de forma interessante os resultados da exposição “Jorge Amado e o Neorrealismo Português”, realizada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e pelo Museu do Neo-realismo sob curadoria do pesquisador João Marques Lopes, e do colóquio internacional “100 anos de Jorge Amado: o escritor, Portugal e o neorrealismo”, idealizado pelo CLEPUL. É pena que a reduzida tiragem de 1000 exemplares não possa alcançar mais interessados; a digitalização do catálogo e difusão na rede mundial de computadores, a exemplo do que o Museu fez com o produto de outras de suas exposições, seria bem-vinda.

Em edição bem cuidada, a obra tem produção gráfica primorosa, com levantamento documental de fôlego e farto registro fotográfico, incluindo legendas informativas com datação completa e localização das peças. A qualidade das imagens, vale ressaltar, permite a leitura integral da maioria dos documentos apresentados, o que faz do catálogo de 40 páginas efetiva fonte de informação e não apenas inventário de itens a serem conferidos apenas com a visita ao acervo museológico. A cronologia e as referências bibliográficas se mostram particularmente úteis para os que desejarem se aprofundar nas interações entre as forças poéticas lusitanas e brasileiras, visto que levanta uma série de publicações recolhidas de periódicos e também publicações acadêmicas atualizadas.

Constam do volume, ademais, dois ensaios inéditos, “Jorge Amado nos espólios dos neorrealistas portugueses”, de João Marques Lopes, e “Romance em transformação”, do professor da Universidade do Paraná Luís Bueno. Con-

sistentemente, os textos abordam as questões sempre evocadas em se tratando do jornalista e prosador baiano acerca do comprometimento do valor literário em função do viés político-partidário e as razões da popularidade com o público e a reserva da crítica. Além disso, os artigos trazem informações mais detalhadas sobre a correspondência do brasileiro com amigos ilustres como Mário Dionísio e Alves Redol e outras fontes de caráter privado e oficial e notícias sobre um artigo até então desconhecido de Joaquim Namorado a respeito do prolífico escritor brasileiro.

Como recurso de introdução a um tema que resta por investigar em grandes frentes, a presente publicação revela-se alvissareira. Como o próprio catálogo assinala, podem existir referências a Jorge Amado por parte de autores cujo acervo ainda não pôde ser examinado. E, como fica evidenciado pelo material, poetas de outras nacionalidades, Pablo Neruda e Anna Seghers, por exemplo, entabularam com o brasileiro ligações duradouras.

Outro veio a ser explorado: a notável diversidade e a qualidade estética das ilustrações do engenho livresco amadiano, a qual pode ser analisada sobretudo em cotejo com o material disponível em formato digital no portal da Fundação Casa de Jorge Amado (<http://www.jorgeamado.org.br>).

Se, até porque não pretende fazê-lo, a obra não absolutiza os méritos do escritor baiano, fica patente, sem embargo, a capacidade do autor proverbialmente “romântico e sensual” de pôr-se em contato com outras gentes, o que, inegavelmente, tem impacto na recepção da literatura brasileira, nos estudos de tradução e no debate sobre a contribuição de um indivíduo para a vida cultural de um país ou mesmo de um idioma.

Isso porque um legado relevante pode não se restringir a poemas, crônicas, contos, romances, novelas, biografias e textos jornalísticos e memorialísticos – e tudo isso Jorge Amado praticou –, mas a produções artísticas suscitadas no cinema, nas artes visuais e na música; a redes estabelecidas com outros sistemas literários; à preservação da memória de lutas humanas, seja contra a opressão capitalista, seja contra as palavras que compõem um discurso; a favor de uma ideologia ou da melhor expressão de uma ideia.

Assim, vem de Portugal o *insight* de mostrar ao público que cultiva a última flor do Lácio essa “imagem vívida e motivadora que é o povo brasileiro”, como conclamou Darci Ribeiro, por meio daquele que foi o “grande professor do Brasil”, segundo Nelson Pereira dos Santos.

JACQUES FUX - JACFUX@GMAIL.COM

MANUELA BARBOSA - MANUELA.BARBOSA@GMAIL.COM